

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANO GONÇALVES RAMOS

ANÁLISE DO PERFIL DOS PRODUTORES DE LEITE BOVINO DAS
MICRORREGIÕES DE GUARABIRA, BREJO E CURIMATAÚ ORIENTAL
PARAIBANO

CURITIBA

2015

ADRIANO GONÇALVES RAMOS

ANÁLISE DO PERFIL DOS PRODUTORES DE LEITE BOVINO DAS
MICRORREGIÕES DE GUARABIRA, BREJO E CURIMATAÚ ORIENTAL
PARAIBANO

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão do Agronegócio no curso de Pós-graduação em MBA Gestão do Agronegócio, Departamento de Economia Rural e Extensão, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Amorim Monteiro

CURITIBA

2015

Ao meu pai José Gonçalves Ramos (*in memoriam*), pelos exemplos que deixou e pela
por sua ligação com meio rural.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, que me deu todas as condições para que este sonho fosse realizado.

À minha mãe Maria do Carmo de Souza, pelos valores que me ensinou.

A minha esposa e filho, Lea Ramos e Adônis Lincoln Ramos, que sempre estiveram ao meu lado e torceram por mim.

Ao Prof. Dr. Alexandre Amorim Monteiro, da UFPR, pelas orientações concedidas, sem as quais este trabalho não teria se concretizado.

Ao Prof. Dr. Hélio Luiz Beretta Dal Monte, da UFPB, pelo exemplo de dedicação, zelo e amor pelo que faz.

Ao Prof. Dr. Lidney Henriques da Silva (*in memoriam*), pelo trabalho de *mentoring* em agronegócio, que muito me influenciou na escolha deste curso.

Aos ex-gerente e gerente regional do Sebrae Paraíba, respectivamente Diógenes Vasconcelos Batista e Edilson Batista de Azevedo, pelo grande apoio e incentivo dados.

Ao Sebrae Paraíba, Agência Regional de Guarabira, por ceder espaço durante as reuniões do Fórum dos Produtores de Leite, para levantamento das informações.

À Cooperativa dos Produtores de Leite do ABC Paraibano, que atua nas microrregiões foco deste trabalho e da qual pertencem alguns dos produtores entrevistados.

A todos os produtores entrevistados, pelas informações repassadas.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“O que pode ser medido pode ser melhorado”
(Peter Drucker)

RESUMO

O presente estudo possui como temática norteadora analisar o perfil dos bovinocultores de leite das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano, dado o seu potencial como bacia leiteira, uma vez que essas microrregiões estão entre as dez com maior produção de leite do Estado da Paraíba. Embora bastante abrangente, o perfil a que se refere este trabalho trata em especial da forma de organização, rebanho, produção e canais de comercialização utilizados pelos 27 produtores de leite entrevistados. Observou-se algumas peculiaridades que não são comuns a todas as atividades rurais, quer agricultura quer pecuária, como um elevado grau de escolaridade dos dirigentes dos estabelecimentos, o que facilita a adoção de técnicas de gestão, como o uso de registros. Apesar de boa parte dos produtores terem afirmado que adotam algum controle, após triagem para verificação *in loco*, verificou-se que os controles utilizados não são bem feitos, e as informações geradas não auxiliam no processo de tomada de decisão. Quanto à comercialização dos produtos da bovinocultura, em especial o leite *in natura*, observou-se que os produtores agem de forma autônoma, vendendo para diversos agentes compradores, desde laticínios, queijarias, panificadoras e hotéis, sem que haja garantias devido à informalidade das transações. Como alternativa à instabilidade, que é própria da atividade, propõe-se a organização dos produtores em cooperativa, com quem devem operar desde a compra de insumos, passando pelo acesso à assistência técnica até a comercialização dos produtos. Outra recomendação ao processo de tomada de decisão é a adoção de registros gerados pela atividade, e não simplesmente limitar-se ao ato de registrar, como se ele fosse o fim, e não o meio para tornar a atividade da bovinocultura de leite sustentável.

Palavras-chave: Bacia Leiteira. Bovinocultura de leite. Comercialização

ABSTRACT

This current study has as its guiding theme to analyze the profile of the cattle breeders of milk in the the microregions of Guarabira, Bog, Oriental Curimataú in Paraíba State given its potential as milk basin as these micro-regions are among the ten with the highest production of milk in Paraíba State. Although so much embracing, the profile referred to this work deals in particular the form of organization, herd, production and commercialization of channels used by 27 milk producers interviewed. It was observed some peculiarities that are not common to all rural activities, whether agriculture or livestock, as a high level of education of the leaders of the establishments, which facilitates the adoption of management techniques such as the use of records. Despite of the most producers stated that they adopt some control after screening on the spot verification, it was found that the controls used are not well made, and the information generated does not help in the decision-making process. As for the commercialization of cattle products, especially pure milk it was observed that producers act autonomously, selling to various buyers agents from dairy, dairies, bakeries and hotels, without guarantees due to informality of transactions. As an alternative to instability, which is itself of the activity, it proposes the organization of producers in the cooperative, who must operate from the purchase of raw materials, through access to technical assistance to the commercialization of products. Another recommendation to decision-making process is the adoption of records generated by the activity, and not just limited to the act of to register registering, as if it were the end, not the means to become the cattle milk activity sustainable.

Keywords: Dairy Basin. The Cattle of Milk. Commercialization

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Microrregião de Guarabira	19
Figura 2 - Microrregião do Brejo Paraibano	19
Figura 3 - Microrregião do Curimataú Oriental Paraibano	20

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil da bovinocultura (leite e corte) nos municípios das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano	13
Quadro 2 – Nível de instrução dos dirigentes dos estabelecimentos rurais das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano	15
Quadro 3 – Tanques para resfriamento de leite existentes nos estabelecimentos rurais das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano	15
Quadro 4 – Ranking dos Estados da Federação na produtividade de leite bovino (2014)	16
Quadro 5 – Ranking das microrregiões do Estado da Paraíba na produtividade de leite bovino	17

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos dirigentes dos estabelecimentos rurais entrevistados	21
Gráfico 2 – Grau de escolaridade dos dirigentes dos estabelecimentos rurais entrevistados	22
Gráfico 3 – Área reservada para bovinocultura de leite nos estabelecimentos rurais pesquisados	23
Gráfico 4 – Registros adotados nos estabelecimentos rurais pesquisados	24
Gráfico 5 – Quantidade de vacas em lactação nos estabelecimentos rurais pesquisados	25
Gráfico 6 – Produção diária de leite bovino <i>in natura</i> nos estabelecimentos rurais pesquisados	25
Gráfico 7 – Produtos da bovinocultura de leite produzidos nos estabelecimentos rurais pesquisados	26
Gráfico 8 – Volume de leite <i>in natura</i> comercializado por mês pelos estabelecimentos rurais pesquisados	27
Gráfico 9 – Locais de comercialização do leite <i>in natura</i> utilizados pelos estabelecimentos rurais pesquisados	27
Gráfico 10 – Canais de comercialização do leite <i>in natura</i> utilizados pelos estabelecimentos rurais pesquisados	28
Gráfico 11 – Preço médio de venda obtido pelo leite <i>in natura</i> dos estabelecimentos rurais pesquisados, no atacado (setembro/2014)	29
Gráfico 12 – Bônus obtido pela quantidade e/ou qualidade do leite <i>in natura</i> dos estabelecimentos rurais pesquisados	30
Gráfico 13 – Contrato firmado na comercialização do leite <i>in natura</i> dos estabelecimentos rurais pesquisados	30
Gráfico 14 – Prazo de recebimento do leite <i>in natura</i> dos estabelecimentos rurais pesquisados	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
4 MATERIAL E MÉTODOS	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5.1 Perfil do produtor	21
5.2 Registros da atividade	23
5.3 Rebanho e produção	24
5.4 Produção e comercialização	26
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE	34

1 INTRODUÇÃO

O setor da bovinocultura leiteira do estado da Paraíba tem enfrentado situações desfavoráveis à cadeia produtiva, tais como fatores climáticos, baixo uso de tecnologia, falta de padrão de qualidade, baixa capacidade de se unir em grupos em busca de objetivos comuns, onde muitos produtores não se organizam para adquirir os insumos de forma coletiva e/ou procuram escoar a produção por meio de contratos via cooperativa, sendo que, em seu lugar, muitos optam pela comercialização com esforço próprio, além da resistência ao uso de práticas modernas de gestão.

As práticas supracitadas têm feito com que o rebanho e a produção de leite bovino na Paraíba ficassem em penúltimo lugar no ranking na região Nordeste do Brasil, com 170.479 mil litros, a frente apenas do Piauí, segundo a Pesquisa Pecuária Municipal 2014.

A partir dos desafios enfrentados pelos pecuaristas do estado da Paraíba, em geral, e em particular dos produtores das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano, torna-se imprescindível um estudo que contemple os bovinocultores dessa bacia leiteira, no que diz respeito à gestão, com a comercialização e os diversos canais atualmente utilizados por eles, e suas especificidades.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar o perfil do bovinocultor de leite e suas peculiaridades, tais como forma de organização, rebanho, produção e canais de comercialização utilizados.

2.2 Objetivos específicos

a) Fazer um levantamento sobre a cadeia produtiva do leite bovino e derivados dos produtores das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano;

b) Fazer um diagnóstico rápido participativo para verificar a situação atual e situação desejada dos produtores, especificamente sobre a comercialização do leite;

c) Propor recomendações de melhoria da gestão, para subsidiar o processo de tomada de decisão.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A cadeia produtiva da bovinocultura leiteira da região Nordeste desenvolveu-se bastante nas duas últimas décadas, com o segundo maior crescimento nos dois últimos quinquênios (2000-2005 e 2005-2010) (FILHO *et al*, 2013, p. 18-19). Diante desse resultado, os produtores de leite do estado da Paraíba, em particular os da bacia das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano que, segundo Censo Agropecuário de 2006 (Quadro 1), contavam com 3.669 estabelecimentos agropecuários voltados à bovinocultura de leite.

Para tanto, uma visão sistêmica de todos os elos que compõem a cadeia produtiva é necessária para conhecer os pormenores que influenciam as tomadas de decisões de todos os agentes presentes nos mercados (de fatores e de produtos) que, nesse setor, são: produtores de leite, cooperativas, agentes intermediários (atravessadores), consumidores, fornecedores de insumos, indústrias (em especial os laticínios), atacadistas, varejistas, governo e mercado externo.

Quadro 1 – PERFIL DA BOVINOCULTURA (LEITE E CORTE) NOS MUNICÍPIOS DAS MICRORREGIÕES DE GUARABIRA, BREJO E CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO

Município	Estabelecimentos (Und.)	Rebanho (Cab.)	Estabelecimentos que produziram leite (Und.)	Vacas ordenhadas (Cab.)	Produção (Mil litros)
Microrregião de Guarabira					
Alagoinha	559	6.437	131	544	390
Araçagi	1.163	15.046	164	378	401
Belém	369	6.881	115	399	207
Caiçara	304	6.439	108	357	193
Cuitegi	149	1.767	35	49	37
Duas Estradas	165	2.495	27	80	66
Guarabira	647	11.843	126	419	409
Lagoa de Dentro	504	5.510	130	325	424
Logradouro	206	2.819	92	472	340

Mulungu	478	12.084	105	353	384
Pilõezinhos	233	1.468	3	11	7
Pirpirituba	269	3.190	24	102	57
Serra da Raiz	128	1.274	30	62	67
Sertãozinho	187	2.194	41	63	28
Subtotal 1	5.361	79.447	1.131	3.614	3.010
Microrregião do Brejo					
Alagoa Grande	832	13.159	207	1.230	1.208
Alagoa Nova	813	6.540	185	464	404
Areia	1.186	14.612	363	1.255	1.443
Bananeiras	1.483	13.763	301	1.007	1.013
Borborema	200	1.608	15	30	23
Matinhas	343	1.209	64	89	59
Pilões	354	3.312	38	55	36
Serraria	460	5.063	159	375	375
Subtotal 2	5.671	59.266	1.332	4.505	4.561
Microrregião do Curimataú Oriental Paraibano					
Araruna	612	9.065	88	366	358
Cacimba de Dentro	889	7.208	232	524	363
Casserengue	501	4.614	61	141	199
Dona Inês	727	6.254	358	720	503
Riachão	130	1.950	41	140	54
Solânea	1.003	8.325	280	571	552
Tacima	407	8.545	146	602	796
Subtotal 3	4.269	45.961	1.206	3.064	2.825
TOTAL (1+2+3)	15.301	184.674	3.669	11.183	10.396

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário 2006

O perfil da bovinocultura leiteira no estado da Paraíba é bastante heterogêneo, com produtores qualificados e outros que lançam mão de técnicas rudimentares, como por exemplo, ordenha manual sem adequada higienização pessoal e do animal, que afeta a qualidade do leite. O uso de tecnologia na pecuária paraibana está diretamente relacionado ao grau de escolaridade dos produtores.

Segundo o Censo Agropecuário de 2006, do total de 167.286 dirigentes dos estabelecimentos rurais da Paraíba, 8.879 possuíam grau de escolaridade a partir do ensino médio completo, o que representa, 5,3% do total. Quando se consideram as pessoas com ensino superior completo, essa relação cai vertiginosamente, com apenas 2.452 dirigentes que concluíram algum curso de nível superior, ou seja, 1,5% do total (Quadro 2).

Quadro 2 – NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS DIRIGENTES DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS DAS MICRORREGIÕES DE GUARABIRA, BREJO E CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO

Paraíba/Microrregião	Sem escolaridade	Alfabetização de adultos	Fundamental (completo/incompleto)	Médio/técnico completo	Superior completo
Paraíba	94.300	7.271	56.836	6.427	2.452
Guarabira	5.761	616	3.750	416	197
Brejo	6.410	660	3.302	351	160
Curimataú Oriental	5.664	303	2.175	240	77

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário 2006

Ainda segundo o mesmo Censo, apenas 39 estabelecimentos rurais possuíam tanques de resfriamento de leite (Quadro 3), fator que está diretamente relacionado à qualidade do leite.

Quadro 3 – TANQUES PARA RESFRIAMENTO DE LEITE EXISTENTES NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS DAS MICRORREGIÕES DE GUARABIRA, BREJO E CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO

Paraíba/Microrregião	Total de estabelecimentos	Estabelecimentos com tanques
Paraíba	167.286	39
Guarabira	10.740	1
Brejo	10.883	2
Curimataú Oriental	8.459	0

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário 2006

Outro fator que compromete a atividade é a baixa produtividade, onde a Paraíba encontra-se em décimo nono lugar no ranking nacional e em sexto lugar no ranking da região Nordeste, com 797 litros de leite por vaca no ano de 2014, segundo dados da Pesquisa Pecuária Municipal, 2014 (Quadro 4). Esse baixo desempenho se reflete também quando se avalia a produção de leite e o número de vacas ordenhadas por ano, com 170.479.000 litros e 213.958 cabeças no ano de 2014.

Quadro 4 – RANKING DOS ESTADOS DA FEDERAÇÃO NA PRODUTIVIDADE DE LEITE BOVINO (2014)

Brasil/Unidades da Federação	Vacas ordenhadas (cabeças)	Produção anual (litros)	Produtividade (litros/vaca/ano)
Brasil	23.064.495	35.174.271.000	1.525
Rio Grande do Sul	1.544.072	4.684.960.000	3.034
Santa Catarina	1.107.263	2.983.250.000	2.694
Paraná	1.723.996	4.532.614.000	2.629
Alagoas	161.462	304.674.000	1.887
Minas Gerais	5.808.524	9.367.470.000	1.613
Distrito Federal	23.413	34.767.000	1.485
Sergipe	235.303	345.020.000	1.466
Pernambuco	470.478	656.673.000	1.396
Goiás	2.658.373	3.684.341.000	1.386
São Paulo	1.287.509	1.776.563.000	1.380
Rio de Janeiro	421.460	540.056.000	1.281
Mato Grosso	580.254	721.392.000	1.243
Rondônia	773.079	940.621.000	1.217
Espírito Santo	419.488	485.685.000	1.158
Mato Grosso do Sul	517.385	528.738.000	1.022
Rio Grande do Norte	257.044	232.338.000	904
Ceará	580.358	494.024.000	851
Amapá	13.941	11.670.000	837
Paraíba	213.958	170.479.000	797
Pará	742.821	554.195.000	746

Tocantins	467.669	325.145.000	695
Acre	81.342	51.921.000	638
Maranhão	623.347	393.030.000	631
Bahia	2.068.800	1.212.091.000	586
Piauí	139.980	79.957.000	571
Amazonas	110.518	51.337.000	465
Roraima	32.658	11.260.000	345

Fonte: IBGE/Pesquisa da Pecuária Municipal, 2014

Não encontrou-se nos dados na Pesquisa da Pecuária Municipal do ano de 2014 (PPM, 2014), o quantitativo de animais de acordo com o que cada produtor possui, mas uma informação global das três microrregiões, onde constavam 21.865 vacas em lactação, com uma produção anual de 19.106.000 litros de leite *in natura*, e produtividade média de 874 litros/vaca/ano nas três microrregiões, sendo que, embora elas estejam entre as dez mais bem colocadas no índice produtividade, a do Curimataú Oriental Paraibano encontra-se abaixo da produtividade do Estado da Paraíba (Quadro 5).

Quadro 5 – RANKING DAS MICRORREGIÕES DO ESTADO DA PARAÍBA NA PRODUTIVIDADE DE LEITE BOVINO

Paraíba/Microrregião	Vacas ordenhadas (cabeças)	Produção anual (litros)	Produtividade (litros/vaca/ano)
Paraíba	213.958	170.479.000	797
Umbuzeiro	5.692	7.971.000	1.400
Cariri Oriental	11.774	14.868.000	1.263
Campina Grande	12.780	16.001.000	1.252
João Pessoa	1.389	1.375.000	990
Brejo Paraibano	7.154	6.815.000	953
Guarabira	9.908	8.517.000	860
Curimataú Ocidental	6.037	5.141.000	852
Seridó Oriental Paraibano	6.631	5.437.000	820
Cariri Ocidental	9.847	7.972.000	810

Curimataú Oriental	4.803	3.774.000	786
Litoral Norte	2.034	1.581.000	777
Seridó Ocidental Paraibano	6.219	4.764.000	766
Sapé	2.310	1.735.000	751
Sousa	29.401	21.415.000	728
Cajazeiras	25.241	18.318.000	726
Esperança	1.426	999.000	701
Litoral Sul	515	345.000	670
Patos	5.605	3.690.000	658
Itabaiana	6.808	4.400.000	646
Itaporanga	18.258	11.521.000	631
Serra do Teixeira	5.470	3.410.000	623
Piancó	18.535	11.294.000	609
Catolé do Rocha	16.121	9.134.000	567

Fonte: IBGE/Pesquisa da Pecuária Municipal, 2014

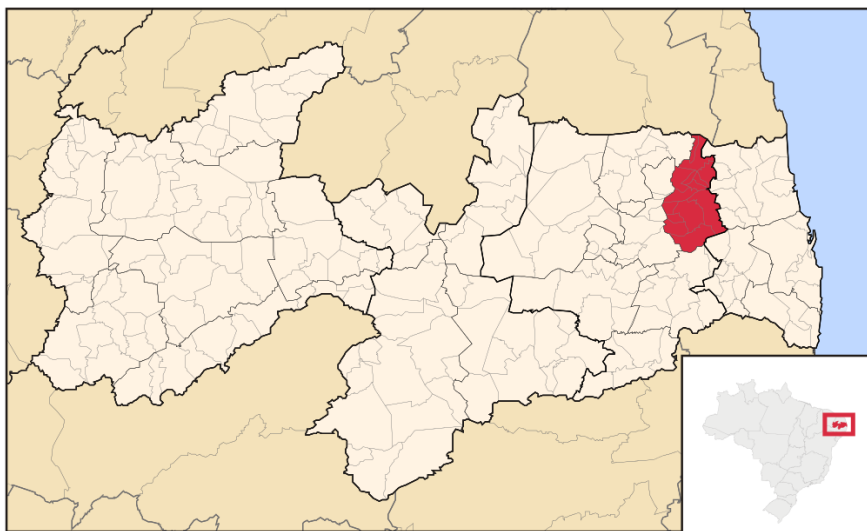
Diante desse cenário, observou-se neste trabalho que a cadeia produtiva da bovinocultura leiteira no estado da Paraíba tem pela frente grandes desafios, a começar pela mudança de postura do produtor, que precisa adequar-se às novas regras impostas pelo mercado, que está cada vez mais competitivo e globalizado, não admitindo que se conduza a atividade de forma empírica ou com amadorismo, mas de forma profissional, o que exige dos produtores adotar técnicas avançadas de manejo e novas práticas de gestão, para conduzir sua unidade produtiva como um empreendimento voltado para resultados.

Segundo CANZIANI (2001, pp. 44, 48, 50-53), um conjunto de fatores influenciam e limitam a adoção de práticas modernas de gestão, apontados no que ele chama de matriz de atividades administrativas, que abrange as áreas produção, finanças, comercialização e pessoal, nas funções estratégica e operacional. Segundo o autor, a adoção dessa matriz contribui para a obtenção de melhores resultados em empresas agropecuárias, que nesse estudo serão tratadas como unidades produtivas, ou seja, propriedades rurais que desenvolvem a bovinocultura leiteira.

4 MATERIAL E MÉTODOS

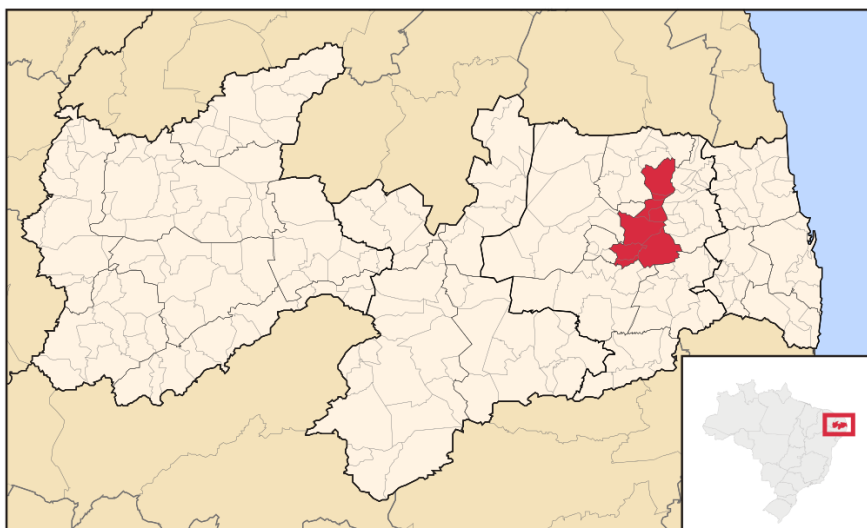
O estudo foi realizado a partir de fontes primárias e secundárias sobre a cadeia produtiva da bovinocultura leiteira, partindo do geral (Brasil, Nordeste e Paraíba) para o específico (bovinocultores das Microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano) (figuras 1 a 3)

Figura 1 - MICRORREGIÃO DE GUARABIRA



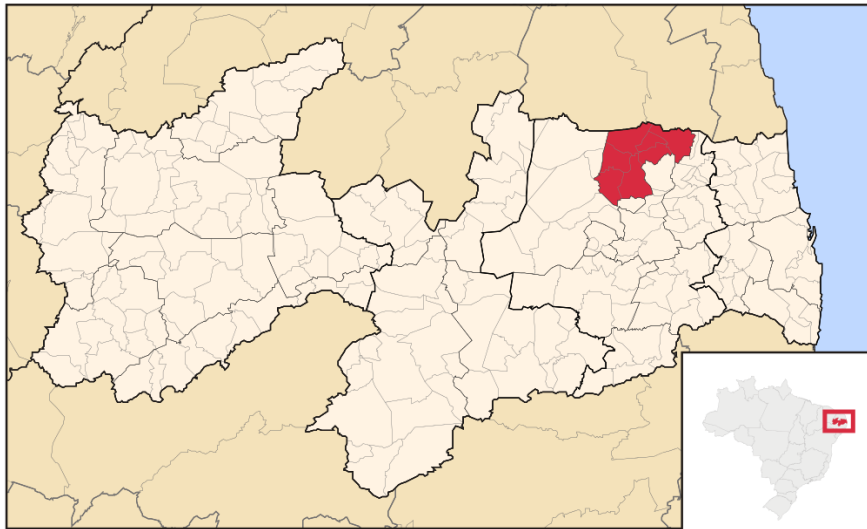
Fonte: Wikipédia (2015)

Figura 2 - MICRORREGIÃO DO BREJO PARAIBANO



Fonte: Wikipédia (2015)

Figura 3 - MICRORREGIÃO DO CURIMATAÚ ORIENTAL PARAIBANO



Fonte: Wikipédia (2015)

Um questionário, que está no apêndice, foi elaborado para subsidiar o levantamento de informações no campo, que ocorreu no período de outubro a dezembro de 2014, tendo como marco o mês de setembro de 2014, onde foram entrevistados 31 produtores, selecionados em grupo que integra o Fórum dos Produtores de Leite apoiado pelo Sebrae Paraíba, Agência Regional de Guarabira-PB, sendo que quatro deles não foram contemplados na tabulação dos dados, por serem iniciantes na atividade e por não ter respostas adequadas à maioria das perguntas. Os dados levantados comporão o diagnóstico da situação atual do setor, que será possível a partir de técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP).

Também foram utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

O trabalho é composto das pesquisas exploratória e descritiva.

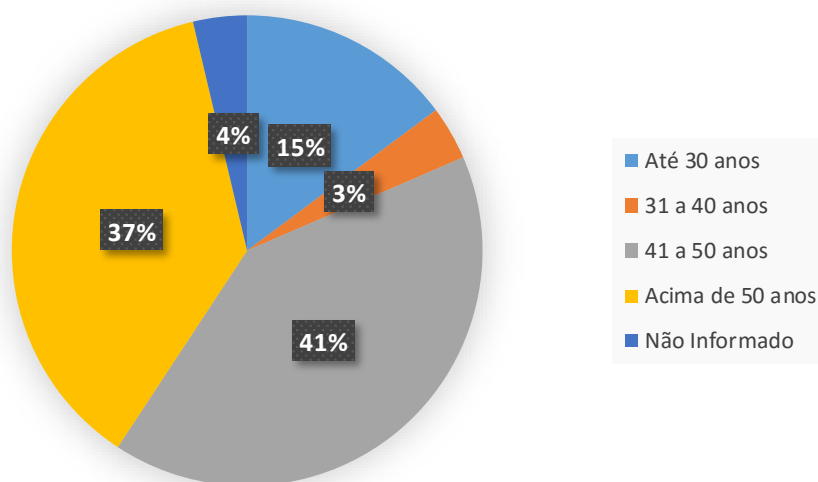
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Perfil do produtor

Com base nas entrevistas realizadas, identificou-se que o público que atua na bovinocultura de leite nas microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano, o homem figura como principal agente responsável pela atividade, onde 26 (96%) são gênero masculino, enquanto que 1 (4%) é feminino; segundo dados do Censo Agropecuário 2006, nas três microrregiões tinham 24.798 (82%) dirigentes homens, e 5.286 (18%) mulheres no comando dos estabelecimentos rurais, sendo que esses números dizem respeito a todas as atividades desenvolvidas nas propriedades rurais, mas que revela uma forte inclinação masculina para as atividades do campo, para àqueles que lá residem e/ou tem alguma ligação com o meio rural.

A idade dos entrevistados é outro fator que chama a atenção, devido sua heterogeneidade, com 4 (15%) produtores com até 30 anos de idade, 1 (3%) entre 31 e 40 anos, 11 (41%) entre 41 e 50 anos, 10 (37%) com 50 anos ou mais, e 1 (4%) com idade não declarada, conforme gráfico 1.

Gráfico 1 – IDADE DOS DIRIGENTES DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS ENTREVISTADOS



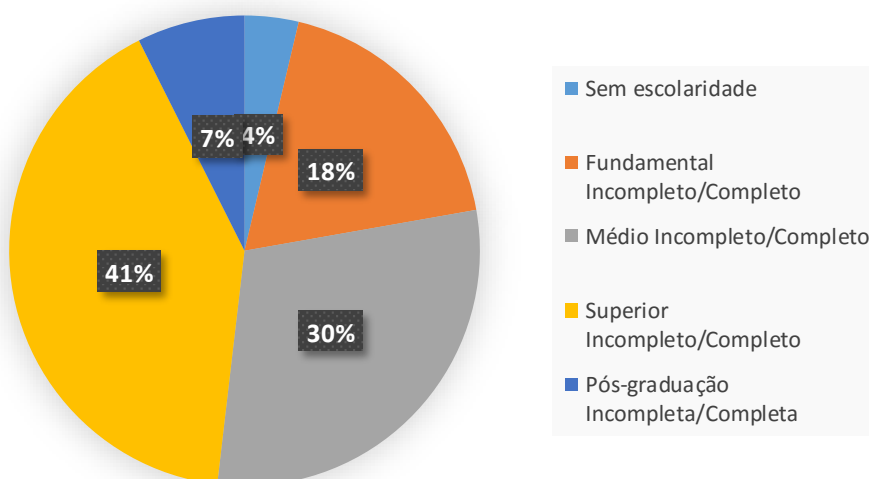
O nível de escolaridade surpreende pelo razoável grau de estudo dos produtores pesquisados, onde 6 (22%) estudaram até o Ensino Fundamental, 8 (30%)

têm até Ensino Médio (incompleto/completo) e 13 (48%) estudaram mais de 11 anos, ou seja, alguns passaram pelas universidades e outros chegaram a concluir a pós-graduação (Gráfico 2). Embora não seja conclusivo, essa análise permite afirmar que a bovinocultura de leite nas microrregiões estudadas diferencia-se das outras atividades agropecuárias, em termos de nível de escolaridade, tendo em vista que apenas 2,4% dos dirigentes dos estabelecimentos rurais das três microrregiões foco deste estudo têm 11 anos ou mais de estudo, com base nos dados do Censo Agropecuário 2006 (Quadro 2).

O grau de escolaridade é determinante para o sucesso de um empreendimento rural, tendo em vista a dificuldade de dominar certos conhecimentos, conforme alerta REIS (2010, p. 5):

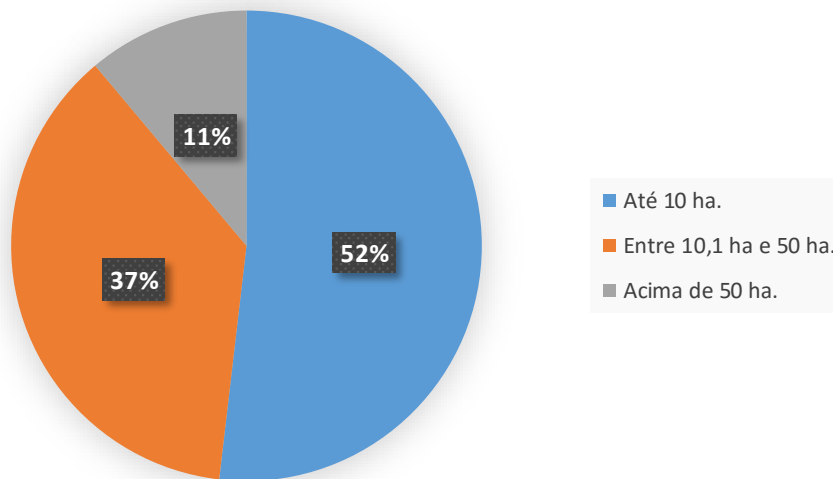
“As empresas rurais (agrícolas e/ou pecuárias), talvez mais do que outros tipos de negócios requerem de seus administradores a concentração de uma série de conhecimentos e habilidades, por vezes não fáceis de concentrar. Assim, requer hoje do empreendedor rural conhecimento na área de administração, financeira, contábil, humana, comercial, técnica, entre outras”.

Gráfico 2 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS DIRIGENTES DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS ENTREVISTADOS



Ainda sobre o perfil dos produtores pesquisados (Gráfico 3), observa-se que a grande maioria, 14 (52%), reserva pouca área para a atividade da bovinocultura leiteira (até 10 hectares), ao passo em que 10 (37%) ocupam entre 10,1 hectares e 50 hectares, enquanto que 3 (11%) deles destinam mais de 50 hectares para a criação de bovino de leite.

Gráfico 3 – ÁREA RESERVADA PARA BOVINOCULTURA DE LEITE NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



5.2 Registros da atividade

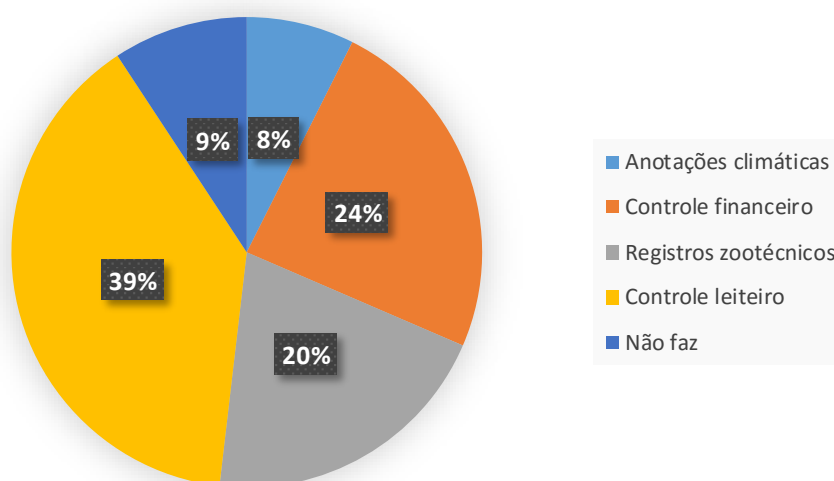
No que se refere aos registros feitos pelos produtores, uma das questões que aceita mais de uma resposta, 5 (9%) produtores disseram não fazer qualquer tipo de anotação, enquanto que os outros 22 (91%) responderam que adotam pelo menos um tipo de registro relacionado à atividade da bovinocultura leiteira, conforme segue: 4 (8%) responderam fazer anotações climáticas (pluviometria e temperatura), 13 (24%) disseram fazer controles financeiros, 11 (20%) afirmaram efetuar os registros zootécnicos e 21 (39%) garantiram fazer o controle leiteiro (Gráfico 4).

Após triagem para verificar *in loco* a veracidade da pesquisa, identificou-se que àqueles que afirmaram fazer controle financeiro, não dispõem de informações confiáveis que permitam calcular, com uma margem de erro tolerável, a viabilidade econômica e financeira da atividade, o que aponta para a necessidade de um estudo mais preciso que contemple receitas, despesas, custos e investimentos. Quanto ao controle leiteiro, constatou-se que ele basicamente diz respeito à produção de leite total, não considerando a produção individual de cada matriz; todos eles desconhecem a produtividade das vacas e o custo de produção do leite.

Para tratar da importância dos registros, KEY *et al* (2014, p. 33) afirma que:

“Um negócio com registros ruins ou inexistentes pode ser comparado a um navio nomeio do oceano que perdeu o uso de seu leme e de seus instrumentos de navegação. Ele não sabe onde esteve, aonde está indo nem quanto demorará para chegar lá. Os registros dizem ao gestor onde o negócio esteve e se agora ele está no caminho para gerar lucros e criar estabilidade financeira. Os registros são, de certa forma, o “boletim de notas” do gestor, pois mostram os resultados das decisões gerenciais dos períodos passados. Talvez os registros não mostrem diretamente aonde o negócio está indo, mas podem dar informações consideráveis que podem ser utilizadas para corrigir ou emendar decisões passadas e para melhorar a tomada de decisão futura. Desse modo, eles, no mínimo, influenciam a direção futura do negócio.

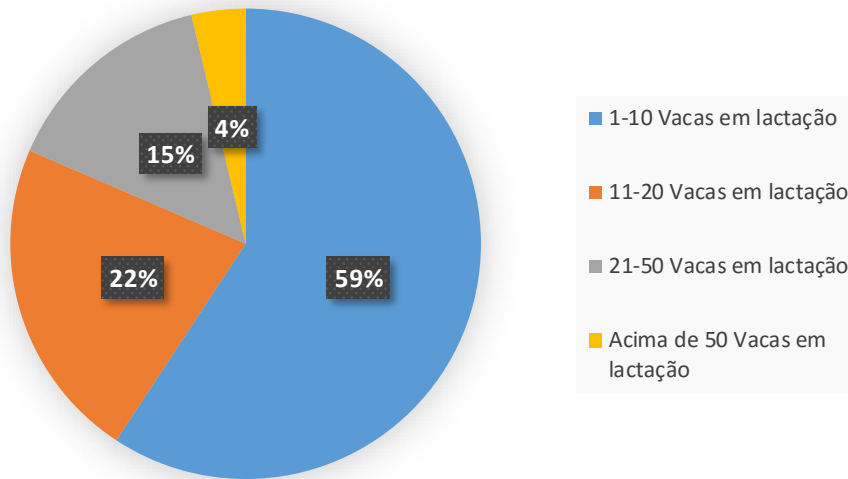
Gráfico 4 – REGISTROS ADOTADOS NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



5.3 Rebanho e produção

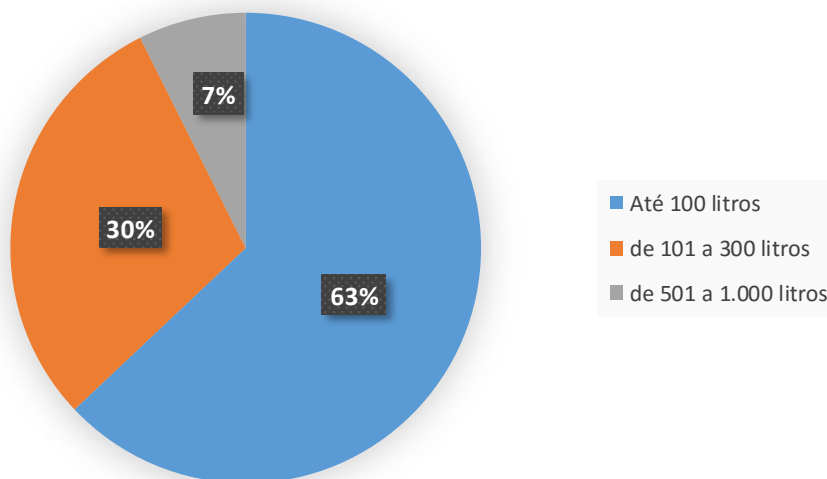
O foco desta categoria ficou concentrado no número de matrizes em lactação, onde o gráfico 5 apresenta que 16 (59%) produtores disseram possuir até 10 vacas em lactação, 6 (22%) com um total que varia entre 11 e 20 vacas lactantes, 4 (15%) variando entre 21 e 50 vacas e 1 (4%), com mais de 50 vacas em período de produção de leite.

Gráfico 5 – QUANTIDADE DE VACAS EM LACTAÇÃO NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



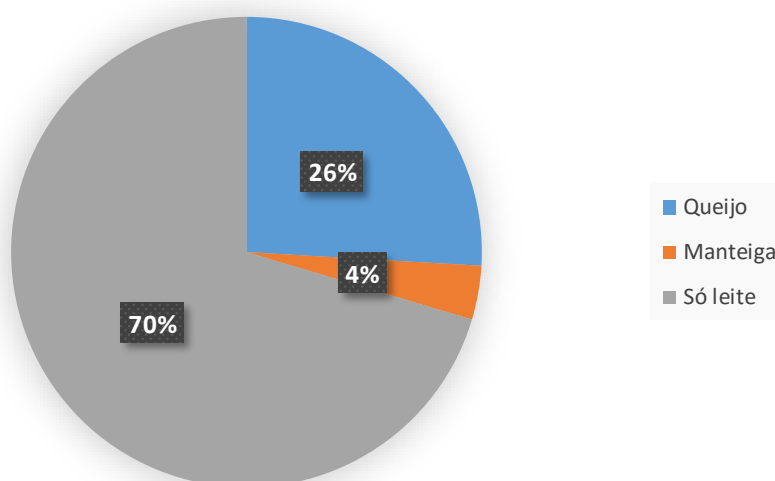
De acordo com a produção de leite *in natura* produzido por dia, a grande maioria dos produtores se enquadra como pequenos, com 17 (63%) deles com até 100 litros por dia, 8 (29%) com uma produção que varia entre 101 e 300 litros e 2 (7%) produtores com um volume diário entre 500 e 1.000 litros de leite (Gráfico 6). De acordo com pesquisa, nenhum entrevistado produz entre 301 e 500 litros, nem acima de 1.000 litros.

Gráfico 6 – PRODUÇÃO DIÁRIA DE LEITE BOVINO *IN NATURA* NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



Quanto aos produtos da bovinocultura de leite, a maioria dos entrevistados concentram seus esforços principalmente na produção de leite *in natura*, onde 19 (70%) deles disseram produzir apenas leite, enquanto que 7 (26%) e 1 (4%) afirmaram produzir queijo e manteiga, respectivamente, paralelamente à produção de leite *in natura* (Gráfico 7). Nenhum dos entrevistados produz iogurte ou outros derivados de leite além dos que foram relacionados, em especial devido a complexidade do processo produtivo, bem como a falta de infraestrutura básica.

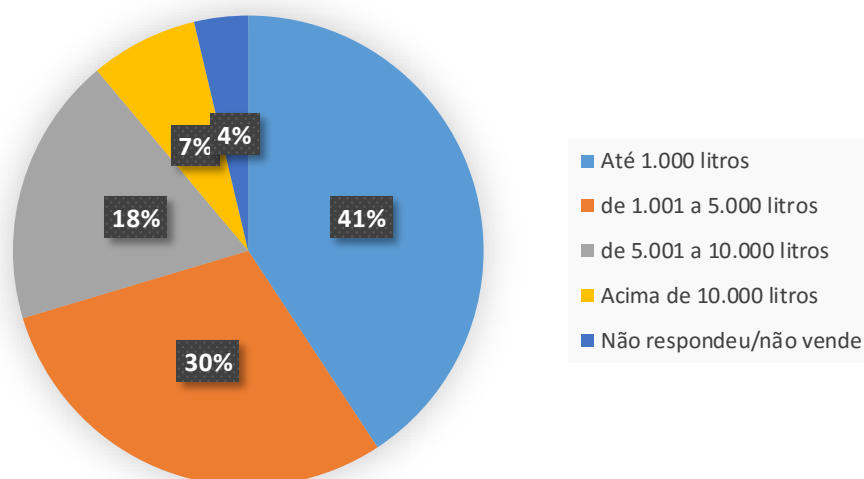
Gráfico 7 – PRODUTOS DA BOVINOCULTURA DE LEITE PRODUZIDOS NOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



5.4 Produção e comercialização

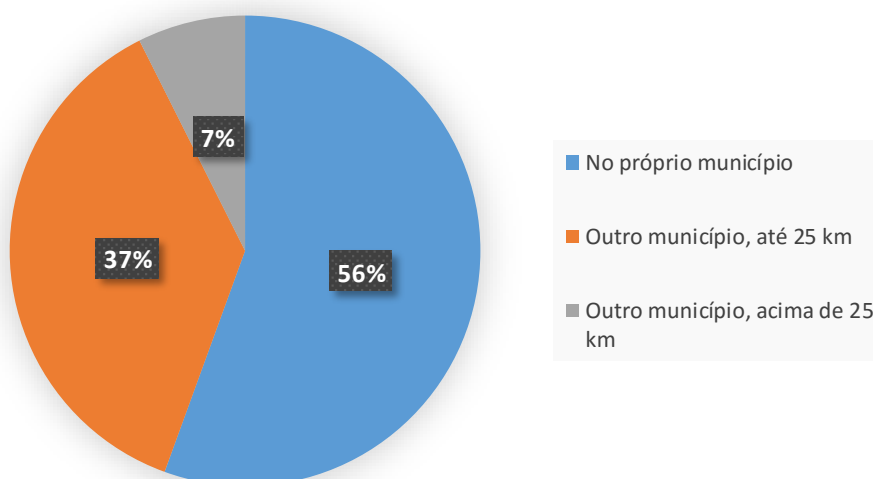
A comercialização está atrelada à produção, com 11 (41%) produtores comercializando até 1.000 (hum mil) litros de leite *in natura* por mês, enquanto que 8 (30%) vendem entre 1.001 (hum mil e um) e 5.000 (cinco mil) litros por mês, e 5 (18%) destinam entre 5.001 (cinco mil e um) e 10.000 (dez mil) litros ao mercado, 2 (7%) vendem acima de 10.000 (dez mil) litros e 1 (4%) produtor não citou seu volume de leite comercializado por utilizar 100% de sua produção como matéria-prima na fabricação de queijo, e não foi lhe dado opção de conversão de medida (Gráfico 8).

Gráfico 8 – VOLUME DE LEITE *IN NATURA* COMERCIALIZADO POR MÊS PELOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



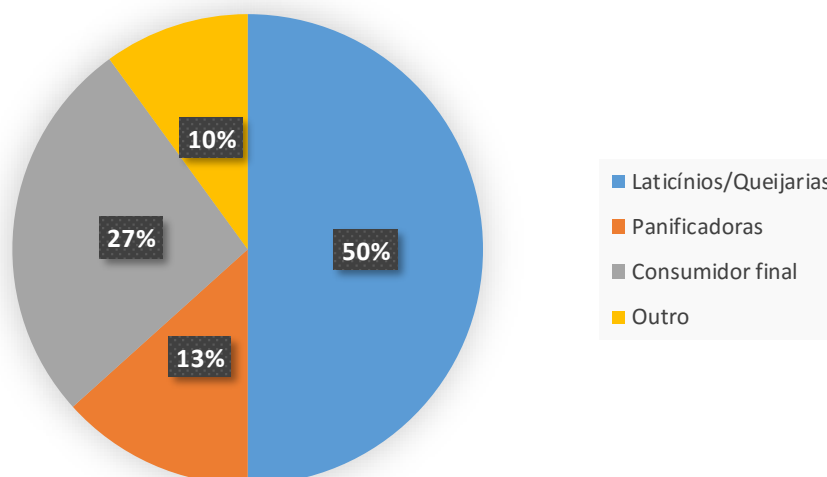
A maior parte do volume de leite é comercializado no próprio município do produtor, onde 15 (56%) bovinocultores conseguem escoar sua produção ou na propriedade ou na sede de seu município, ao passo que 10 (37%) deles colocam para outros mercados, numa distância de até 25 km, e 2 produtores (7%) vendem para clientes que estão a uma distância acima de 25 km, sendo que, neste caso, a logística fica por conta do comprador (Gráfico 9).

Gráfico 9 – LOCAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE *IN NATURA* UTILIZADOS PELOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



Em relação aos compradores de leite *in natura*, onde a comercialização feita de forma individualizada, e não através de cooperativa ou outra entidade representativa dos produtores, os principais agentes são os laticínios e queijarias, com 15 (50%) das respostas dadas pelos produtores entrevistados. Em segundo lugar fica o consumidor final, com 8 (27%) respostas, seguido pelas panificadoras, 4 (13%) das respostas, e outros, com 3 (10%) respostas (Gráfico 10). Na ocasião da entrevista, nenhum produtor acessava às políticas públicas de compras governamentais, ora por não ter como fornecer, devido à falta de estrutura e/ou parceria com laticínios regularizados, ora devido aos insucessos do Programa do Leite em anos passados, com atrasos nos pagamentos e/ou baixo volume por produtor, informações coletadas em conversas informais com alguns produtores; essa questão admitia-se marcar mais de uma alternativa, conforme prática do produtor.

Gráfico 10 – CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE *IN NATURA* UTILIZADOS PELOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS

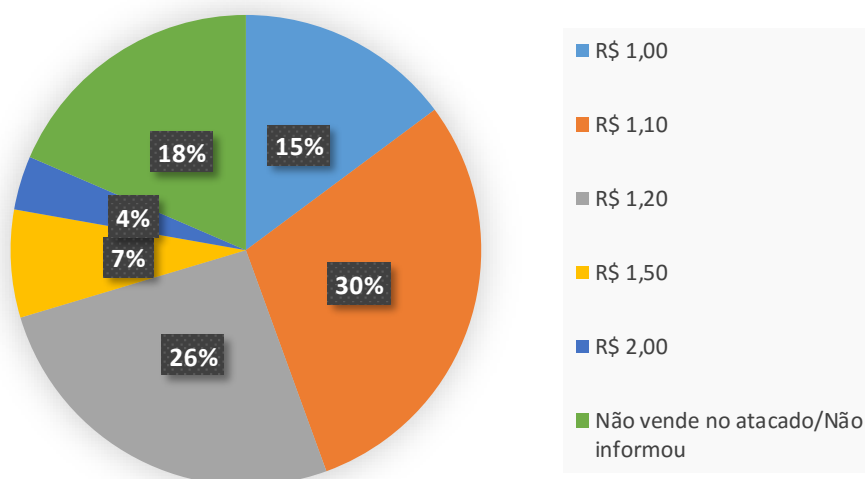


Conforme dados do gráfico 11, no que se refere a preço de venda, considerou-se apenas as respostas dadas para o mercado atacadista, cujos preços pagos pelo litro de leite *in natura* variam até 100%, de R\$ 1,00 a R\$ 2,00, conforme o tipo de comprador. Quatro (15%) produtores disseram ter recebido o valor de R\$ 1,00 pelo litro de leite, enquanto que 8 (30%) afirmaram ter recebido R\$ 1,10, 7 (26%) comercializaram a R\$ 1,20, 2 (7%) praticaram o preço de R\$ 1,50, e 1 (4%) conseguiu o preço de R\$ 2,00. Estes dois últimos fornecem para panificadoras e hotéis, respectivamente. Cinco (18%) entrevistados disseram não vender no atacado, mas

direto para o consumidor final, na informalidade, que paga preços melhores. Sendo que, conforme alerta Mendes e Padilha Junior (2007, p. 249), a característica fundamental dos preços dos produtos agropecuários é a instabilidade, devido as especificidades do setor, tais como fatores biológicos, oferta, sazonalidade e perecibilidade.

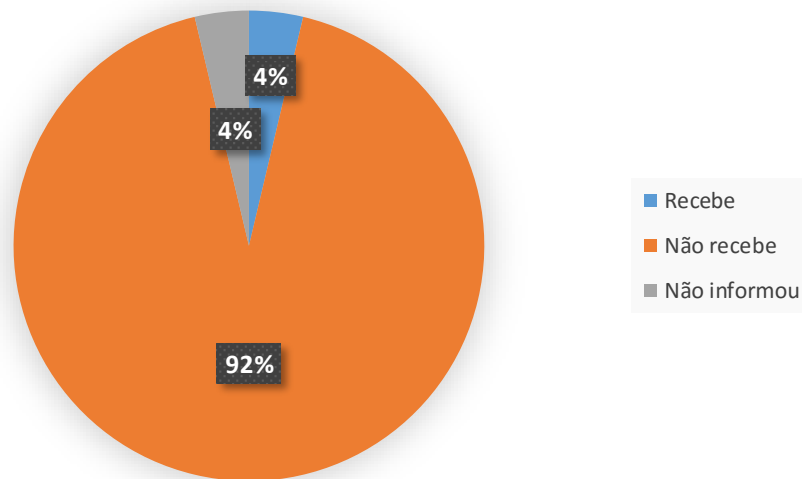
Para justificar a organização dos produtores em entidades representativas, como cooperativas, por exemplo, Araújo (2003, p. 84) lembra que os produtores rurais, de modo geral, são tomadores de preços e não formadores, ao passo que, nas compras dos insumos, perguntam “quanto custa?” e nas vendas de seus produtos, perguntam “quanto paga?”.

Gráfico 11 – PREÇO MÉDIO DE VENDA OBTIDO PELO LEITE *IN NATURA* DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS, NO ATACADO (SETEMBRO/2014)



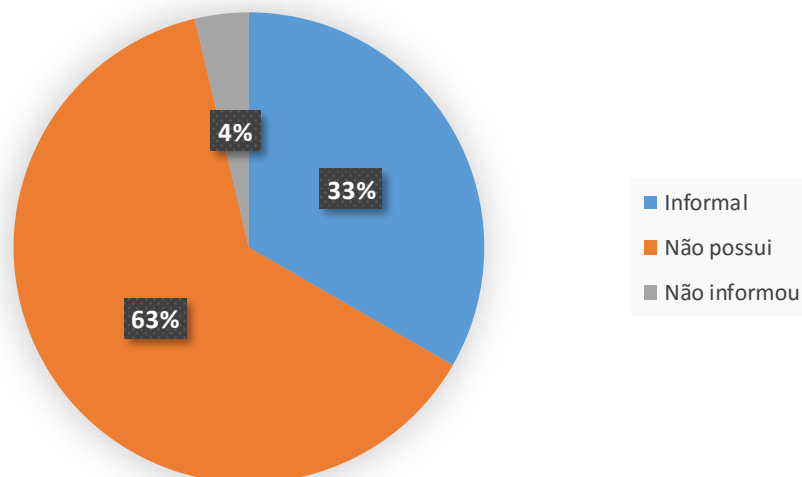
Ainda sobre a comercialização, quando perguntados se recebem algum tipo de bonificação pela quantidade e/ou qualidade do leite fornecido, apenas 1 (4%) produtor afirmou receber uma bonificação no preço, enquanto que a grande maioria, 25 (92%) deles, negou receber qualquer valor a mais pelo leite comercializado, já 1 (4%) produtor não soube ou não quis responder à pergunta (Gráfico 12).

Gráfico 12 – BÔNUS OBTIDO PELA QUANTIDADE E/OU QUALIDADE DO LEITE *IN NATURA* DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



Quanto à segurança do processo de compra e venda, segundo pesquisa, nenhum produtor tem contrato formal de comercialização do leite *in natura*, ao passo que 9 (33%) deles informaram que têm contrato informal de fornecimento, 17 (63%) não possuem qualquer tipo de contrato (formal ou informal), e 1 (4%) não deu qualquer resposta à questão (Gráfico 13).

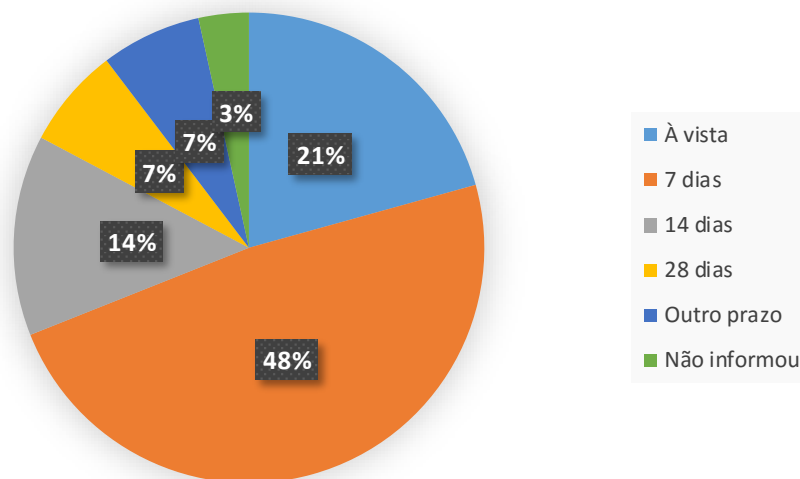
Gráfico 13 – CONTRATO FIRMADO NA COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE *IN NATURA* DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



Por fim, para a última questão, que trata dos prazos de recebimento do leite comercializado, cuja pergunta admite mais de uma resposta, 6 (21%) produtores

informaram que recebem o pagamento do leite à vista, ao passo que 14 (48%) recebem em até sete dias após a venda, 4 (14%) recebem em 14 dias, 2 (7%) recebem em 28 dias, outros 2 (7%) recebem em outro prazo, e 1 (3) produtor não respondeu à pergunta (Gráfico 14)

Gráfico 14 – PRAZO DE RECEBIMENTO DO LEITE *IN NATURA* DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS PESQUISADOS



Com base nas respostas dadas pelos produtores entrevistados, e de acordo com o que foi observado nas visitas *in loco*, pode-se observar que a atividade da bovinocultura de leite nas microrregiões estudadas encontra-se fragilizada, em especial devido a fatores relacionados à gestão, como por exemplo, a falta de garantias na comercialização, disparidade dos preços praticados e deficiências na organização da categoria, com a operacionalização da atividade de forma individualizada, nos três segmentos da cadeia produtiva (antes, dentro e depois da porteira), em detrimento das ações cooperativistas que são possíveis.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com base na pesquisa realizada, conclui-se que os bovinocultores de leite das microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú Oriental Paraibano estão desorganizados em termos de produção e comercialização, cujo reflexo se observa nos baixos índices de produção e produtividade, e nas práticas rudimentares de negociação, onde não se tem um preço definido para o leite *in natura*, que sofre variação de até 100% no mercado atacadista, o prazo de pagamento vai de à vista a 28 dias ou mais, não há qualquer segurança pela falta de contrato, e não há uma central de comercialização que pudesse intermediar as negociações com os compradores.

Como principal recomendação, propõe-se a organização dos produtores em cooperativa, sendo que os produtores devam tê-la como principal opção para compra de insumos e comercialização de sua produção, procurando ser fiel aos princípios cooperativistas e colocando os interesses da coletividade acima dos interesses individuais.

Outra recomendação diz respeito às práticas de gestão do empreendimento rural, onde os produtores precisam fazer uso dos controles (financeiros, climáticos e zootécnicos) para apoio no processo de tomada de decisão, bem como para utilizá-los como indicadores de desempenho para eventuais investimentos na atividade.

Adotadas essas medidas, espera-se que os objetivos dos produtores em geral sejam alcançados, que são: a) redução dos custos de produção com a aquisição de insumos de forma coletiva; b) acesso à assistência técnica de qualidade e de forma permanente; c) garantia da comercialização da produção a preços justos também no período das águas (inverno), onde a oferta é maior e normalmente os compradores detêm o poder de barganha; e d) agregação de valor ao produto, com o beneficiamento da produção através de uma queijaria ou laticínio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de Agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2003.

CANZIANI, José Roberto Fernandes. **Tese: Assessoria administrativa a produtores rurais no Brasil**. Piracicaba, 2001.

FILHO, Raimundo José Couto dos Reis *et al.* **Cenários para o leite e derivados na Região Nordeste em 2020**. Recife: Sebrae, 2013.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

_____. **Produção da Pecuária Municipal 2014**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2014/default.shtm>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

KEY, Ronald D. *et al.* **Gestão de propriedades rurais**. 7. ed. Porto Alegre: McGrawHill, 2014.

MENDES, Judas Tadeu Grassi e PADILHA JÚNIOR, João Batista. **Agronegócio: uma abordagem econômica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

REIS, Luiz Felipe Sousa Dias. **Agronegócios: qualidade na gestão**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

Wikipédia. **Microrregião do Brejo Paraibano**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_do_Brejo_Paraibano. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

_____. **Microrregião de Guarabira**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Guarabira. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

_____. **Microrregião do Curimataú Oriental**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_do_Curimataú_Oriental. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO SOBRE ATIVIDADE DA BOVINOCULTURA DE LEITE	35
---	----

APÊNCIDE 1 - QUESTIONÁRIO SOBRE ATIVIDADE DA BOVINOCULTURA DE LEITE

01. Dados do(a) produtor(a):

1.1 Nome _____ 1.2 Idade: _____

1.3 Grau de escolaridade:

☐ Sem escolaridade☐ Ensino Fundamental ☐ Ensino Médio ☐ Completo☐ Ensino Superior ☐ Pós-graduação ☐ Incompleto

02. Dados da propriedade rural:

2.1 Nome: _____ 2.2 Município: _____

2.3 Distância da sede do município (em Km): _____ 2.4 Tamanho da área total (em hectare): _____

2.5 Tamanho da área destinada à bovinocultura de leite (em hectare): _____

03. Faz algum tipo de anotação da atividade? Qual(is)?

☐ Climática (chuva/temperatura) ☐ Financeira ☐ Zootécnica/sanitária☐ Controle leiteiro ☐ Não faz anotações

04. Qual a quantidade de VACAS possuía no mês de setembro de 2014?

Que produziram leite (em lactação): _____ Que não produziram leite (secas): _____

05. Qual a produção DIÁRIA de leite obtida no mês de setembro de 2014 (média por dia)? _____

06. Além do leite, que outro(s) produto(s) costuma comercializar da bovinocultura leiteira?

☐ Queijo ☐ Iogurte ☐ Manteiga ☐ Apenas leite ☐ Outro tipo: _____

07. Qual a quantidade de leite comercializada no mês de setembro de 2014 (em litros)? _____

08. Onde é comercializado o leite produzido na propriedade? (pode marcar mais de uma resposta)

☐ Na propriedade ☐ Na sede do município ☐ Em outro município, até 25 Km☐ Em outro município, entre 26 e 50 km ☐ Em outro município, acima de 50 km

09. Para quem comercializa a produção de leite? (pode marcar mais de uma resposta)

☐ Laticínios/Queijarias ☐ Panificadoras ☐ Cooperativas ☐ Consumidor final☐ Programas do Governo (PNAE/PAA) ☐ Outro: _____

10. Qual foi o preço médio recebido pelo litro de leite vendido no atacado, em setembro de 2014? ____

11. Costuma receber algum bônus pela qualidade ou quantidade de leite comercializado?

☐ Sim ☐ Não

12. Possui contrato de comercialização para o leite?

☐ Formal ☐ Informal ☐ Não possui

13. O pagamento pelo leite normalmente é feito:

☐ À vista ☐ 7 dias ☐ 14 dias ☐ 21 dias ☐ 28 dias ☐ Outro prazo: _____